



5º Simposio de Ensino de Graduação

ANISH KAPOOR: ARTE, DIVERSÃO OU PROPAGANDA

Autor(es)

SUELI DE SIQUEIRA FERRAZ

Orientador(es)

Luiz Antonio Calmon Nabuco Lastória

1. Introdução

O tema proposto para este trabalho refere-se ao de interatividade da arte contemporânea, e tem como hipótese pensar a interatividade possível na arte sem que ela venha a se confundir com propaganda e com a diversão. A interatividade é um fenômeno próprio à sociedade de massa que abrange diversas dimensões da vida cotidiana como trabalho, educação, diversão, e, inclusive, a arte. Portanto, justifica-se como proposta de estudo para a psicologia social. Segundo Adorno e Horkheimer, a relação entre arte, diversão e propaganda, foi estabelecida pela indústria cultural que as colocou a serviço da dominação ideológica nas sociedades capitalistas. A diversão surgiu de uma necessidade da indústria cultural, de predispor o trabalhador à dominação a partir de determinados condicionamentos, e assim mantê-lo ocupado durante o lazer acostumando-o ao trabalho. Como se sabe, a propaganda serve ao sistema como principal meio de divulgação da ideologia inerente ao modo de produção capitalista. A arte, por sua vez, dado a sua capacidade de suspender temporariamente a dor, isso na medida em que “resolve” as contradições sociais na sua própria forma, funcionaria como uma promessa de recompensa futura pelo sofrimento atual. Assim, a hipótese de pensar uma possível interatividade na arte sem que ela se confunda com diversão e com a propaganda, torna-se relevante para uma reflexão de ordem estética em Psicologia Social.

2. Objetivos

Compreender o panorama atual em que em que desembocou a arte moderna, para em seguida submetê-la à análise mediante as noções e conceitos próprios à teoria crítica, tal como elaborada pelos teóricos da Escola de Frankfurt. Segundo Rouanet, a consciência crítica juntamente com a consciência estética, permite um retorno às origens. Ao percorrer o caminho no sentido inverso é possível desfazer o trabalho da ilusão habilmente desenvolvido pela indústria cultural, compreender os conteúdos latentes que estão além da aparência dos produtos culturais e recuperar a memória do que foi esquecido. A teoria crítica de Adorno e Horkheimer pode ser considerada uma anamnese que não quer apenas recuperar que foi esquecido, mas reconsiderar o que foi desvalorizado e, talvez como Freud na psicanálise individual, preencher certas lacunas da cultura. Para a concretização desse estudo tomamos como referência o artista plástico Anish

3. Desenvolvimento

O estudo bibliográfico inclui: a) contextualização do surgimento da arte moderna, através dos livros A História da Arte de Ernst Gombrich, Modernidade e Modernismo de Frascina e Blake e Arte Moderna de Giulio C. Argan; b) Crítica à arte no contexto da industrialização da cultura, através do livro Teoria Crítica e Psicanálise de S. P. Rouanet; c) estudo da estética, através de textos relativos a I. Kant, A. Schopenhauer e F. Nietzsche; d) história e obra de Anish Kapoor, através do livro sobre o artista divulgado recentemente em suas exposições no Brasil, edição de fevereiro de 2007 da revista Bravo!, Livreto do professor escrito por Panitz e Azambuja, bem como relatos divulgados pela internet; e) o conceito de interatividade, através dos artigos Arte e Interatividade: Autor-Obra-Recepção de Julio Plaza, O que é Interatividade de Marcos Silva e, Interação e Interatividade na Obra de Arte de Leonardo Germano, obtidos através da internet. Finalmente, para elaboração da monografia final do estágio em psicologia utilizamos também os textos “Indústria Cultural ou a Mistificação das Massas” do livro Dialética do Esclarecimento de T.W. Adorno e M. Horkheimer, e “Mundo Globalizado e Estetização da Vida” de Rodrigo Duarte, esse último obtido através da internet. O estudo de campo incluiu visita às obras de Kapoor expostas no CCBB, em São Paulo; relato de nossas próprias visões e sensações, bem como de outros espectadores no local da exposição.

4. Resultados

Para desenvolver nossa hipótese consideramos necessário compreender o contexto em que arte, diversão e propaganda começaram a se confundir. Duarte (2001), traça um panorama da indústria cultural e argumenta que para compreensão da situação atual do cotidiano totalmente planejado e previsto, é preciso compreender o contexto do seu surgimento. A concorrência entre capitalistas e a pressão dos operários ameaçavam o capitalismo durante o período concorrencial liberal. O acordo entre capitalistas para evitar a concorrência gerou o capitalismo monopolista. E, para controlar a classe operária foram feitas algumas concessões como aumento de salário e amparo legal, o que resultou na despolitização dos operários. Neste mesmo contexto, e sob as mesmas influências, surgiu a arte moderna. As intervenções do capitalismo transformaram as relações entre homens, e a disputa por espaços econômicos e militares resultou na deflagração da primeira guerra mundial. Segundo Duarte esses acontecimentos dão início à transformação do capitalismo monopolista em capitalismo tardio, tendo em vista que aquele já continha os elementos que vão dar origem ao mundo globalizado. Grandes conglomerados econômicos e militares juntamente com a incorporação de novas tecnologias voltadas à melhoria da atividade econômica, tem como efeito a coesão ideológica para manutenção da dominação política. A incorporação das novas tecnologias pelos capitalistas é o que Adorno e Horkheimer chamam de indústria cultural. Neste período do final do século XIX, em razão das transformações sociais, também ocorrem mudanças nas relações entre artistas e público. Os artistas eram marginalizados e seus interesses não atendiam mais ao gosto do público. Desses desdobramentos surgiram três movimentos que deram origem à arte moderna: expressionismo, cubismo e primitivismo. Plaza acrescenta que foi na década de 20, com o fim da Primeira Guerra Mundial e o surgimento das novas tecnologias, que surgiram as primeiras teorias propondo novas formas de participação do espectador em relação às obras de arte. Segundo Duarte, entre o final do século XIX e início do século XX, por um período de vinte anos formou-se a base da indústria cultural com a invenção do cinema e do rádio. Desde essa época, os avanços tecnológicos estariam destinados a contribuir com a consolidação dos propósitos do capitalismo e potencializar a capacidade de dominação via indústria cultural. Para concretizar seus objetivos – aumento de consumo e adesão total ao sistema – a indústria cultural utilizava a manipulação de elementos da economia psíquica das populações segmentadas pelo mercado. Para a propaganda atingir seus objetivos é necessário que o possível comprador perceba o valor-de-uso da mercadoria, e que nesta fase do capitalismo tardio pode ser totalmente fictícia. O aspecto estético passa a ser fundamental e a propaganda passa a produzir, então, o aparato sensorial com intuito de seduzir o possível comprador. Na ausência total de reflexão, e capturado pelo aspecto estético do produto, a única opção do consumidor é comprar, e o que

ele compra na verdade é o sistema que engendra a própria exploração. Duarte argumenta que se a dominação no mundo globalizado se dá por meios estéticos, pode-se refletir sobre a possibilidade da emancipação do homem também pelo estético. A obra de arte autêntica sinaliza essa possibilidade pela sua capacidade de ir além da dialética entre valor de uso e valor de troca, própria da mercadoria. Essa emancipação seria possível com o fim da escravidão humana em relação às mercadorias, como uma verdadeira promessa de felicidade. Duarte alerta que mesmo antes da globalização, praticamente tudo no mundo se tornou, ainda que potencialmente, mercadoria. Isso inclui não só os produtos tradicionais, mas também a saúde, o amor, a vida, a morte e possivelmente as próprias pessoas. Também as obras de arte se convertem em bens de consumo ao lado dos outros produtos da indústria cultural. Para aqueles que diante de uma obra de arte, que muitas vezes também tem a aparência de uma mercadoria, conseguem extrair-lhe a essência, ou seja, a capacidade de expressão da condição humana, a promessa de felicidade é possível. A promessa de felicidade que lhe é inerente faz lembrar que esse mundo poderia ser outro que não o da dominação cruel proposto pelas leis de mercado. Essa experiência, entretanto necessita ser mediada por uma construção adequada à expressão humana. Plaza conceitua três fases produtivas da arte, relacionadas à abertura da obra de arte e à sua recepção: A abertura de primeiro grau, relacionada a chamada obra aberta e a obra artesanal; a abertura de segundo grau que abrange a arte de participação e a obra industrial, por assim dizer; e a abertura de terceiro grau que abrange as obras eletro-eletrônicas, e a relação homem – máquina computacional. Então os graus de abertura da arte estão relacionados com as técnicas e tecnologias disponíveis aos artistas em cada época e envolvem também sua criação e produção. A partir destas concepções entendemos que a maneira de Kapoor criar, produzir e dar à recepção suas obras, está ao nível da interação e não da interatividade. Kapoor está, como todo artista, envolvido com os problemas de seu tempo, um público sedento por interatividade e, sujeito às técnicas, tecnologias e às leis de mercado. Contudo, com sua genial capacidade de criação, ele é capaz de criar obras utilizando elevado grau de tecnologia, o que desaparece diante do espectador e faz com que o indivíduo volte-se para si, para seus pensamentos e sensações. Nesse ponto, obra transcende a técnica e os materiais trabalhados pelo artista e torna-se experiência. Acreditamos que o grau de interação da obra, como propôs R. Duarte, não pode tirar-lhe o caráter de condição de expressão humana, tanto na produção, como na recepção do objeto estético. Essa questão aponta para duas possibilidades, considerando que tanto na interação como na interatividade pode ocorrer um desvio para a diversão ou propaganda. Primeiro: diante de uma verdadeira obra de arte, o espectador sensível mas carente de códigos culturais a trata como diversão, ou simplesmente a ignora. Segundo: diante de um produto da indústria cultural, o espectador é capturado pela propaganda ideológica que já contém a mensagem que ele deseja receber. Não se deixa fruir perante o objeto estético, simplesmente o consome.

Kapoor pede ao espectador que complete a obra com seu olhar, mas também de seu lugar, pela maneira como percebe seu lugar. Acreditamos que isso é condição de expressão humana, pensada tanto na construção da obra como na sua recepção. Suas obras, portanto, são obras de arte autênticas e não se confundem com diversão ou propaganda.

5. Considerações Finais

A dupla nacionalidade de Kapoor, uma vez que nasceu no oriente e vive no ocidente, faz a relação entre esses dois mundos. Reflete a globalização característica do mundo contemporâneo, expõe o vazio doloroso próprio do mundo ocidental, em oposição ao vazio oriental, que é espaço potencial e também próprio à condição humana. Consideramos que a influência oriental na obra de Kapoor dificulta algumas análises no âmbito da teoria crítica em relação à estética, principalmente quando toda sua orientalidade, juntamente com os materiais dos quais o artista se serve é submetida a uma tecnologia avançada própria do mundo ocidental. Por outro lado, possivelmente sua genialidade está exatamente na capacidade de integrar elementos tão opostos: realidades mitológicas e tecnologia de última geração aplicada ao material para concretizar a idéia de “imaterial”.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T.W. **Minima Moralia-Reflexões a partir da vida danificada**. São Paulo: Ática, 2ª ed., 1993.

ADORNO, T.W. e HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: 1985, pp. 113-156.

ARGAN, G.C. **Arte Moderna-Do iluminismo aos movimentos contemporâneos**, São Paulo: Companhia das Letras, 4ª Ed., 1996.

DANTAS, Marcello. **Anish Kapoor Ascension**: Catálogo da exposição no Brasil de 31 de julho à 1 de abril. Rio de Janeiro: Centro cultural Banco do Brasil, 2006

DUARTE, R. **Mundo Globalizado e Estetização da vida**. Disponível em www.fafich.ufmg.br/~roduarte/textos.htm#mundoglobalizado acessado em 30.06.2007.

Escultor do espaço vazio. Revista Bravo!. São Paulo: Editora Abril, Fev. 2007, p.32-35.

FARIAS, A. **Anisch Kapoor-Considerações sobre a pele**. Artigo publicado na site do Centro Cultural Banco do Brasil disponível em www.bb.com.br/appbb/portal/bb/ctr/art/index.jsp acessado em 21/07/2007.

FRASCINA, F. [et alli] **Modernidade e Modernismo-Pintura francesa no século XIX**, São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1998.

FUNDAÇÃO SERRALVES. **Arte povera na fundação Serralves**. Disponível em <http://195.22.10.36/gca/?id=381>, acessado em 27/06/007.

GERMANO, L.F. **Interação e interatividade na obra de arte**. Publicado em Razon Y Palabra, outubro-novembre 2006, disponível em www.cem.itesm.mx/dasc/publicaciones/logos/anteriores/n53/html, acessado em 27/06/2007.

GOMBRICH, E.H., **A Historia da Arte**, Rio de Janeiro: LTC Editora, 16ª ed., 1999.

ITAU CULTURAL. **Minimalismo**. Disponível em

http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2719&pag=26&tipo=TES&idioma=&st_pesquisa=&txtti
=, acessado em 27/06/2007.

ITAU CULTURAL. **Neo-expressionismo**. Disponível em

http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/inciplopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos...texto&cdverbete
, acessado em 27/06/2007.

JOHNSON, A.G., **Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica**, Trad. Ruy Jungmann, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

PANITZ, M e AZAMBUJA, R. **Livreto do Professor programa educativo CCBB**, Brasília, Makro Color Gráfica, 2006.

PLAZA, J. **Interatividade: Autor-obra-recepção**. Disponível em <http://www.cap.eca.usp.br/ars2/arteeinteratividade.pdf>, acessado em 31.05.2007.

ROUANTET, S.P., **Teoria Crítica e Psicanálise**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 4ª ed., 1998.

SILVA, M. **O que é interatividade**. Disponível em <http://www.senac.com.br/INFORMATIVO/BTS/242/boltec242d.htm>, acessado em 15.06.2007.

TÜRCKE, C., **Kant Crítica e Estética na Modernidade**, São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 1999.